

TEMPORADA 2012

Cultura
artística
100
ANOS



ORCHESTRE NATIONAL DU CAPITOLE DE TOULOUSE

TUGAN SOKHIEV Regência

BERTRAND CHAMAYOU Piano



Esta é uma homenagem pra quem lê o Estadão logo cedo ou quando sobra um tempinho.

Pra quem lê e discute. Lê e aceita. E até pra quem lê e duvida. Mais que uma homenagem, queremos reafirmar um compromisso: não importa como ou por que você lê o Estadão, continuaremos, a cada dia, todos os dias, fazendo o melhor jornal que já fizemos na vida.

QUER SABER?
 **ESTADÃO**

O Ministério da Cultura e a Sociedade de Cultura Artística apresentam

TEMPORADA 2012

Cultura
artística
100
ANOS

ORCHESTRE NATIONAL DU CAPITOLE DE TOULOUSE
TUGAN SOKHIEV Regência
BERTRAND CHAMAYOU Piano



PATROCÍNIO



AIRBUS

CREDIT SUISSE



O ESTADO

REALIZAÇÃO

Cultura
artística

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

ORCHESTRE NATIONAL DU CAPITOLE DE TOULOUSE





PATRICE INN

A Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse é considerada uma das melhores orquestras francesas da atualidade, merecido reconhecimento por uma história que começa no início do século XIX. O conjunto foi criado para atuar nas temporadas de ópera do Théâtre du Capitole, situado no interior do bellissimo palácio que abriga a administração municipal da cidade de Toulouse, no sudoeste da França. Chamava-se então Orchestre du Capitole de Toulouse e só viria a desenvolver verdadeira vocação sinfônica a partir de meados do século XX, quando passou a se apresentar sob a batuta de regentes como André Cluytens e Georges Prêtre.

A chegada de Michel Plasson, em 1968, daria impulso decisivo à carreira internacional da orquestra. Com Plasson, que a dirigiu até 2003 e é hoje seu regente honorário, a orquestra de Toulouse, que já contava com uma centena de musicistas, gravou mais de sessenta álbuns e lançou-se em turnês pelos palcos do mundo todo. *Carmen*, que orquestra e regente gravaram com a soprano Angela Gheorghiu e o tenor Roberto Alagna, fez grande sucesso de crítica e público e recebeu o Victoire de la Musique Classique de 2004, como “Melhor Álbum Clássico do Ano”.

O maestro russo Tugan Sokhiev assumiu a direção musical do conjunto em 2008, o que deu início a uma parceria que o *Le Figaro* posicionou “no centro da vida musical francesa”. Hoje, com 125 musicistas, a Orchestre National du Capitole de Toulouse apresenta sua temporada sinfônica no Halle aux Grains de Toulouse — sede do grupo desde 1974 —, além de, fiel a sua origem, seguir atuando nos espetáculos de ópera e balé do Théâtre du Capitole. A orquestra é também convidada frequente de importantes festivais internacionais e excursionou recentemente por países como Rússia, Espanha e Itália. A temporada 2011-2012 prevê turnês por Reino Unido e Alemanha, onde a orquestra esteve na semana passada, assim como por Brasil, Uruguai e Argentina. Na França, além dos concertos de sua temporada anual, a Orchestre National du Capitole de Toulouse tem ainda apresentações agendadas para a Salle Pleyel parisiense e por diversas cidades da região de Toulouse.

SAIBA MAIS

Prokofiev, Tchaikovsky, Rachmaninov, Shostakovich e Mussorgsky integram a discografia da orquestra de Toulouse sob a direção de Tugan Sokhiev. A famosa *Quadros de uma Exposição*, por exemplo, foi registrada pelo selo Naïve em 2006. Para este ano, está previsto o lançamento de um álbum dedicado a Stravinsky, contendo *O Pássaro de Fogo* e *A Sagração da Primavera*.



TUGAN SOKHIEV Regência

Nascido na Ossétia do Norte, em 1977, Tugan Sokhiev estudou regência sob a orientação de renomados mestres russos, como Ilya Musin e Yuri Temirkanov. Depois de três temporadas como regente convidado principal, assumiu a direção musical da Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse em 2008, à frente da qual obteve tamanho sucesso que deu origem àquilo que o *Le Monde* caracterizou como uma “sokhievmania” na vida musical francesa.

Ainda em 2006, a parceria com a orquestra de Toulouse já resultara em sua nomeação como “Revelação Musical do Ano” pelo Sindicato Profissional dos Críticos de Teatro, Música e Dança da França. Mas, se no comando da ONCT, Sokhiev tem sido objeto de aclamação crítica em apresentações não apenas em casa, mas também por Áustria, Espanha, China, Japão, Rússia, Alemanha e Reino Unido, o maestro é também muito requisitado por orquestras e palcos operísticos do mundo todo. Sua estreia com a Filarmônica de Viena, em 2009, foi muito elogiada, assim como sua colaboração com a Filarmônica de Berlim, que lhe rendeu o epíteto de “miraculoso” na imprensa especializada alemã.

Como regente convidado, Sokhiev tem atuado com conjuntos sinfônicos como a Orquestra Nacional de Espanha, a Filarmônica Nacional Russa, a Orquestra do Concertgebouw de Amsterdã, a Orchestre National de France e a Orquestra da Ópera Estatal da Baviera. Além disso, em palcos como os do La Scala de Milão ou do Metropolitan de Nova York, o maestro já regeu *Carmen*, *La Bohème*, *Ievgueni Oniêguin* e *Tosca*, dentre muitas outras obras do mais elevado repertório operístico.

Planos para o futuro incluem novas atuações à frente da Filarmônica de Berlim e das orquestras sinfônicas de Sydney e Melbourne, bem como *débuts* com a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, com a Sinfônica de Chicago e turnês tanto com a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse como com a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, cuja direção musical Sokhiev assume na temporada 2012-2013.

SAIBA MAIS

A propósito da recente estreia de Tugan Sokhiev à frente da Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse no Reino Unido, o crítico do *Guardian* londrino não poupou elogios. A respeito de *L'Après-midi d'un Faune* e da *Sinfonia Fantástica*, escreveu: “A interpretação de Sokhiev é notável; a orquestra, excepcional. Sokhiev rege com enorme ousadia, assim como com grande ímpeto e elegância”.



LAURE VASCONI / NAÏVE

BERTRAND CHAMAYOU Piano

P

ara o *Le Figaro*, ele exhibe “um virtuosismo a toda prova e um senso de diálogo musical no mínimo impressionante”. O *Le Monde* já o caracterizou como um musicista “sensível e luminoso”. Os elogios à arte de Bertrand Chamayou, porém, não se restringem à imprensa francesa. Seja como solista, recitalista ou como músico de câmara, ele é um dos pianistas mais requisitados de sua geração.

Bertrand Chamayou, nascido em 1981 e natural de Toulouse, estudou no Conservatório de Paris e, depois, em Londres, sob a orientação da pianista italiana Maria Curcio. Teve também importantes mentores, como o respeitado pianista e regente norte-americano Murray Perahia. Aos 20 anos, foi premiado no prestigioso Concurso Internacional Marguerite Long-Jacques Thibaud, o que marcou o início de uma bem-sucedida trajetória no cenário internacional da música de concerto.

Do Victoire de la Musique de 2006, como “Revelação”, ao mesmo prêmio conquistado em 2011, mas como “Solista Instrumental do Ano”, Chamayou construiu uma carreira de grande brilhantismo por palcos como os da Salle Pleyel e do Théâtre des Champs-Élysées parisienses, da Herkulesaal de Munique, do Concertgebouw de Amsterdã, do Wigmore Hall londrino e do Lincoln Center de Nova York. Neles, costuma apresentar-se sob a batuta de maestros como Pierre Boulez, Michel Plasson, Tugan Sokhiev e Sir Neville Marriner, dentre outros nomes da regência, e ao lado de orquestras como a Filarmônica de Londres, a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, a Orchestre National de France e a Orquestra Filarmônica de Liège.

Com participação constante em renomados festivais musicais, Chamayou destaca-se também por sua ligação com a música erudita contemporânea, âmbito em que já trabalhou com criadores do calibre de Henri Dutilleux, György Kurtág e Thomas Adès. Aclamado músico de câmara, atua ainda na companhia de artistas como Renaud e Gautier Capuçon, Augustin Dumay, Eric Le Sage e Sol Gabetta.

No terreno fonográfico, seu registro ao vivo dos *Doze Estudos de Execução Transcendente* de Liszt, em 2006, recebeu louvor unânime da crítica musical, assim como fartos elogios saudaram suas gravações de Mendelssohn, em 2008, e César Franck, em 2010.

SAIBA MAIS

Em seu lançamento mais recente pelo selo Naïve, Bertrand Chamayou presta homenagem aos duzentos anos de nascimento de Franz Liszt, comemorados em 2011. O álbum tripla *Années de Pèlerinage* contém as suítes para piano que registram as impressões do compositor sobre a paisagem suíça, que Liszt visitou entre a primavera e o verão de 1835.



ORCHESTRE NATIONAL DU CAPITOLE DE TOULOUSE

TUGAN SOKHIEV Direção Musical e Regência

Primeiros violinos

Geneviève Laurenceau
Lisa Kerob
Daniel Rossignol
Sylvie Vivies
Michel Truchi
Nicole Boussinot
Henri Salvat
Guergana Ricard
Mary Randles
Sébastien Plancade
Olivier Amiel
Aude Puccetti
Stéphane Guiocheau
Chiu-Jan Ying
Julia Raillard
Vitaly Rasskazov
Jean-Claude Cadres

Segundos violinos

Fabien Mastrantonio
Eugen Tichindeleanu
Mohamed Makni
François Drouhin
Yves Sapir
Marie-José Fougeroux
Virginie Allemand
Edwige Farenc
Alexandre Dalbigot
Anne-Laure Cornet
David Benetah
Guilhem Boudrant
Audrey Loupy
Charlotte Pugliese

Violas

Bruno Dubarry
Juliette Gil
Isabelle Mension
Tymoteusz Sypniewski
Gilles Apparailly
Claire Pelissier
Vincent Cazanave-Pin
Maïlyss Cain
Samuel Joly
Audrey Leclercq
Cécile Berry
Jean-Baptiste Magnon

Violoncelos

Pierre Gil
Vincent Pouchet
Alain Bes
Annie Ortet
Christopher Waltham
Benoît Chapeaux
Gaël Seydoux
Elise Robineau
Thomas Dazan
Sébastien Laurens

Contrabaixos

Damien-Loup Vergne
Daniel Bensoussan
Conor MacCarthy
Matthieu Cazauran
Fabien Coquant
Matthieu Carpentier
Nicolas Janot
Jean-Baptiste Fraysse

Flautas

Sandrine Tilly
Claude Roubichou
Harmonie Maltère

Oboés

Christian Fougeroux
Olivier Stankiewicz
Gabrielle Zaneboni
Serge Krichewski

Clarinetes

David Minetti
Jean-Paul Decamps
Emilie Pinel
Marie-Bernadette Barriere

Fagotes

Lionel Belhacene
Guillaume Bidar
Mylène Poulard
Marie Gondot
Frédéric Durand

Saxofone

Philippe Lecocq

Trompas

Jacques Deleplancque
Hervé Lupano
Thibaut Hocquet
Daniel Daure
Jean-Wilfrid Grongnet
Arnaud Bonnetot
Jean-Pierre Bouchard

Trompetes

René-Gilles Rousselot
Hugo Blacher
Jean-Paul Alirol
Heike Gerber
Laurent Stoll

Trombones

Dominique Dehu
David Locqueneux
Aymeric Fournes
Fabien Dornic

Tubas

Sylvain Picard
Maxine Duhem
Bastien Baumet

Tímpanos

Jean-Loup Vergne

Percussão

Michel Ventula
Emilien Prodhomme
Jean-Sébastien Borsarello
Christophe Dewarumez
Luc Bagur

Harpas

Gaëlle Thouvenin
Cécile Barutaut

Gestão da orquestra

Thierry D'Argoubet
Sonia Dablanç
Hélène Gout

Administração

Yseult Carre
Nicolas Chateau
Fabrice Miralles
Jeanne-Marie Vertuel

Técnicos

Raphaël Ondigui
Bruno Calvez
Jean-Baptiste Dupret

Gerenciamento de turnês

Kaarina Meyer
Suzanne Doyle
International Classical Artists, Londres

A Orchestre National du Capitole de Toulouse agradece o apoio de:



ALÉM DA TEMPORADA INTERNACIONAL

O projeto *Ouvir para Crescer* chega ao Rio



De 8 a 16 de maio tem continuidade nas cidades de Cordeiro e Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro, o projeto sociocultural *Ouvir para Crescer*, que a Cultura Artística promove com grande sucesso desde 2007, como parte de suas atividades educativas e de difusão cultural.

Pulso, ritmo, melodia, harmonia, gêneros e estilos musicais são alguns dos temas tratados em espetáculos interativos que, em Cordeiro e Cantagalo, contam com a participação de bailarinos, percussionistas e de grupos como o Quinteto Villa-Lobos, o Quarteto Radamés Gnatalli e a Cia. Ópera de São Paulo.

Com o patrocínio da Votorantim Cimentos, chega, assim, ao Rio de Janeiro essa iniciativa inédita da Cultura Artística que se dedica a levar música e formação musical de qualidade a cidades ou regiões que em geral não têm acesso aos grandes espetáculos do roteiro cultural tradicional.

Ouvir para Crescer em números

- 13 cidades
- 55 mil participantes
- 2 084 musicistas
- 132 grupos musicais
- 6 260 alunos da rede pública
- 118 espetáculos



Ser uma das 10 maiores empresas globais de materiais básicos de construção nos deixa orgulhosos. Ajudar a construir um País melhor e mais forte nos deixa ainda mais.

A Votorantim Cimentos sabe que numa construção tudo está interligado. Por isso, quando investe no desenvolvimento dos seus projetos, investe também no desenvolvimento das regiões em que atua. Foi pensando assim que, em 2011, o Grupo Votorantim destinou R\$ 60 milhões a 154 projetos sociais, beneficiando cerca de 1,5 milhão de pessoas, e outros R\$ 500 milhões a projetos de gestão ambiental. Afinal, não daria para ser uma das 10 maiores empresas globais de materiais básicos de construção sem pensar no futuro de todos.

CIMENTO
VOTORAN

CIMENTO
ITAÚ

CIMENTO
TOCANTINS

CIMENTO
POTY

CIMENTO
ARATU

CIMENTO
RIBEIRÃO

Votomassa

[MATRIX]

ENGEMIX

CONSTRUIR É REALIZAR.

Votorantim
Cimentos

www.vcimentos.com.br



TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

PATROCINADORES DA RECONSTRUÇÃO



DOADORES E APOIADORES

Agência Estado
 Aggrego Consultores
 Álvaro Luís Fleury Malheiros
 Ana Maria Levy Villela Igel
 Ana Maria Xavier
 Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
 Antônio Fagundes
 Antonio Teófilo de Andrade Orth
 Area Parking
 Arnaldo Malheiros
 Arsenio Negro Jr.
 Aurora Bebidas e Alimentos Finos
 Banco Pine
 Banco Safra
 Beatriz Segall
 BicBanco
 Brasília de Arruda Botelho
 Bruno Alois Nowak
 Camargo Corrêa
 Camila Zanchetta
 Camilla Telles Ferreira Santos
 Carta Capital
 CBN
 CCE
 Center Norte
 Claudio Cruz
 Claudio e Rose Sonder
 Claudio Lottenberg
 Claudio Roberto Cernea
 Cleômenes Mário Dias Baptista (i.m.)
 Compacta Engenharia
 Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
 Credit Suisse
 Credit Suisse Hedging-Griffo
 Diário de Guarulhos
 Editora Abril
 Editora Contexto (Editora Pinsky)
 Editora Globo
 Editora Três
 Elaine Angel
 Elias Victor Nigri
 EMS
 Ercília Lobo
 Erwin e Marie Kaufmann
 Eurofarma
 Fábio de Campos Lilla
 Famílias Fix, Korbivcher e Ventura
 Fernando Francisco Garcia
 Fernão Carlos Botelho Bracher
 Festival de Salzburgo
 Flávio e Sylvia Pinho de Almeida
 Folha de S. Paulo
 Francisco Humberto de Abreu Maffei
 Frederico Perret
 Fulano Filmes

Fundação Filantrópica Arymax
 Fundação Padre Anchieta
 Fundação Promon
 Gabriela Duarte
 Gérard Loeb
 Gilberto Kassab
 Gilberto Tinetti
 Gioconda Bordon
 Giovanni Guido Cerri
 Helga Verena Maffei
 Henri Philippe Reichstul
 Hotel Ca' d'Oro
 Hotel Maksoud Plaza
 Idort/SP
 iG
 Israel Vainboim
 Izilda França
 Jacques Caradec
 Jairo Cupertino
 Jamil Maluf
 Jayme Bobrow
 Jayme Sverner
 José Carlos Dias
 José Carlos e Lucila Evangelista
 José Roberto Mendonça de Barros
 José Roberto Opice
 Jovelino Carvalho Mineiro Filho
 Katalin Borger
 Lea Regina Caffaro Terra
 Leo Madeiras
 Lúcia Cauduro
 Lúcia Fernandez Hauptmann
 Luiz Rodrigues Corvo
 Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados
 Mahle Metal Leve
 Marcelo Mansfield
 Marco Nanini
 Maria Adelaide Amaral
 Maria Helena Zockun
 Marina Lafer
 Mario Arthur Adler
 Marion Meyer
 Max Feffer (i.m.)
 McKinsey
 Michael e Alina Perlman
 Minidi Pedroso
 Mônica Salmaso
 Natura
 Nelson Breanza
 Nelson Kon
 Nelson Reis
 Nelson Vieira Barreira
 O Estado de S. Paulo
 Oi Futuro
 Orquestra Filarmônica Brasileira

Oscar Lafer
 Otto Baumgart Indústria e Comércio
 Paulo Bruna
 Pedro Herz
 Pedro Pederneiras
 Pedro Pullen Parente
 Pedro Stern
 Pinheiro Neto Advogados
 Polierg Tubos e Conexões
 Porto Seguro
 Racional Engenharia
 Rádio Bandeirantes
 Rádio Eldorado
 Revista Brasileiros
 Revista Concerto
 Revista Piauí
 Ricardo Feltre
 Ricardo Ramenzoni
 Roberto Baumgart
 Roberto Minczuk
 Roberto Viegas Calvo
 Rodolfo Henrique Fischer
 Santander
 São José Construções e Comércio (Constr. São José)
 Seleções Reader's Digest
 Semp Toshiba
 Sidnei Epelman
 Silvia Ferreira Santos Wolff
 Silvio Feitoso
 Stela e Jayme Blay
 Susanna Sancovsky
 Suzano
 Talent
 Tamas Makray
 Teatro Alfa
 Terra
 Thomas Ernst Kunze
 TV Globo
 Unigel
 Uol
 Ursula Baumgart
 Vale
 Vavy Pacheco Borges
 Wolfgang Knapp
 Yara Baumgart
 Zuza Homem de Mello

REALIZAÇÃO

Cultura Artística

Ministério da Cultura



ORCHESTRE NATIONAL
DU CAPITOLE DE TOULOUSE

TUGAN SOKHIEV Regência

BERTRAND CHAMAYOU Piano



SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo 15 de maio, terça-feira, 21h

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)

PRÉLUDE À L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE c. 10'

MAURICE RAVEL (1875-1937)

CONCERTO PARA PIANO
E ORQUESTRA EM SOL MAIOR c. 23'

Allegramente

Adagio assai

Presto

Solista: Bertrand Chamayou

Intervalo

HECTOR BERLIOZ (1803-1869)

SYMPHONIE FANTASTIQUE, OPUS 14 c. 50'

Rêveries, passions. Largo — Allegro agitato e appassionato assai

Un bal. Valse. Allegro ma non troppo

Scène aux champs. Adagio

Marche au supplice. Allegretto non troppo

Songes d'une nuit du Sabbat. Larghetto — Allegro assai

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo 16 de maio, quarta-feira, 21h

MODEST MUSSORGSKY (1839-1881)

KOVANTCHINA (ABERTURA) c. 5'
(Orquestração de Rimsky-Korsakov)

FRANZ LISZT (1811-1886)

**CONCERTO Nº1 PARA PIANO
E ORQUESTRA, EM MI BEMOL MAIOR** c. 19'

Allegro maestoso
Quasi adagio
Allegretto vivace
Allegro marziale animato
Solista: Bertrand Chamayou

Intervalo

MODEST MUSSORGSKY

QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO c. 33'
(Orquestração de Maurice Ravel)

Promenade
Gnomus
Promenade
Il vecchio castello
Promenade
Tuileries
Bydlo
Promenade
Ballet des poussins dans leurs coques
Samuel Goldenberg et Schmuyle
Promenade
Limoges. Le marché
Catacombae. Sepulchrum romanum
Cum mortuis in lingua mortua
La cabane sur des pattes de poule
La grande porte de Kiev

TEMPORADA 2012



PRÓXIMOS CONCERTOS — SALA SÃO PAULO, 21h

LANG LANG Piano

SÉRIE BRANCA, 20 DE MAIO, DOMINGO
SÉRIE AZUL, 22 DE MAIO, TERÇA-FEIRA

J. S. BACH Partita nº 1
SCHUBERT Sonata em Si bemol, D.960
CHOPIN Estudos, op. 25

EVGENY KISSIN Piano

SÉRIE BRANCA, 4 DE JUNHO, SEGUNDA-FEIRA

SCHUBERT Sonata nº 7, D.568
BEETHOVEN Variações sobre um Tema Original, op. 11
BRAHMS Seis Peças para Piano
CHOPIN Andante spianato e Grande Polonaise, op. 22

SÉRIE AZUL, 27 DE JUNHO, QUARTA-FEIRA

PROKOFIEV Peças de *Romeu e Julieta*, Sonata nº 8
CHOPIN Polonaise nº 7, Mazurcas,
Estudos, op. 10, Estudos, op. 25

Os concertos serão precedidos de
palestra de Irineu Franco Perpetuo,
às 20h, no auditório do primeiro andar
da Sala São Paulo.

Informações e ingressos
(11) 3258 3344 (11) 4003 1212
Vendas online
www.culturaartistica.com.br

Ingressos à venda 30 dias antes dos concertos

Siga a Cultura Artística nas redes sociais



O conteúdo editorial dos programas da
Temporada 2012 encontra-se disponível em nosso
site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

Cultura artística

PATROCINADORES 2012



PATROCINADORES MASTER



PATROCINADORES PLATINA



PROJETOS EDUCATIVOS

PATROCINADORES OURO



PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE



REALIZAÇÃO



J. JOTA DE MORAES O CONCERTO DESTA NOITE



CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)

Prélude à L'après-midi d'un Faune

Os sons da orquestra se extinguíam em quase inaudíveis *ppp* das flautas e em sons como que gotejantes das trompas, dos timbales antigos, das harpas e ainda mais: de um suspiro furtivo dos violinos e dos *pizzicati* divididos entre violoncelos e contrabaixos. Depois desses sussurros, quase um compasso inteiro do silêncio. Só então o maestro acabou por baixar a batuta. Após alguns momentos de estupefação, o público explodiu em aplausos.

O entusiasmo da plateia foi de tal ordem que se tornou necessário repetir a obra toda. Foi assim que, na noite de 22 de dezembro de 1894, estreou gloriosamente na Salle d'Harcourt, em Paris, o *Prelúdio à Tarde de um Fauno*, que Debussy começara a escrever dois anos antes, inspirado por um texto hoje célebre, mas pouco lido, de Stéphane Mallarmé.

A magia tivera início já nos primeiros compassos desse “poema sonoro” de pouco mais de dez minutos. Para iniciá-lo, em um andamento marcado *Très modéré*, um solo de flauta que, como pedia o autor, deveria soar “doce e expressivo”. Essa flauta e sua moderação jogavam no ar do teatro questões acerca de sua origem (ocidente ou oriente?), idade (arcaica ou moderna?) e proveniência harmônica (modal ou tonal?) — tudo com ar muito interrogativo e sem resposta perceptível, consequente. Era a ambiguidade que Claude desejava, ele que era cultor “dos mais modernos achados da química harmônica”.

Depois dessa introdução, alguns sopros da orquestra apresentavam um arabesco desse tema imemorial, que, por fim, voltava à flauta e a sua primeira fisionomia, já algo transformada. Dobra por dobra, a obra se abria, com o auxílio de uma orquestração vaporosa (ou seria esburacada?). E seu esquema formal

simples, o de um rondó, perdia-se de vista graças aos gestos evasivos de um Debussy que não se cansava de inventar, de colocar reticências onde se esperava um ponto final. Assim é que ele ia fazendo e desfazendo seu sutil rendilhado sonoro, tornando esmaecida qualquer afirmação, transformando o óbvio em escrita labiríntica. E tornando finalmente livres os elementos da composição, sobretudo no que diz respeito ao timbre, ao campo harmônico, à invenção melódica e ao ritmo. Com seu *Prélude*, o compositor lançava sua “revolução com luvas de veludo”.

MAURICE RAVEL (1875-1937)

Concerto para Piano e Orquestra em Sol maior

Tendo vivido boa parte do tempo na mesma cidade, Paris, e frequentando-se como bons camaradas por temporadas de mútuo bom humor, Ravel e Debussy foram muitas vezes vinculados um ao outro do ponto de vista estético. Os anos viriam provar, porém, que se tratava de um engano, porque os dois artistas sempre se colocaram em campos expressivos muito distantes entre si. Apelidado ironicamente por Stravinsky de “o relojoeiro suíço da orquestração”, Ravel tinha de fato a precisão, a meticulosidade e a perfeição requeridas pelo apelido. Dono de maestria incomparável, de raríssimo senso de cor instrumental, ele foi o responsável por algumas das mais brilhantes obras orquestrais escritas durante a primeira metade do século XX.

Todas as qualidades do aspecto clássico de Ravel encontram-se nos dois concertos para piano que ele escreveu praticamente ao mesmo tempo, em 1930-1931. Completou, em primeiro lugar, a obra em Sol maior, que estreou em janeiro de 1932 na capital francesa, tendo Marguerite Long como solista e o autor como (péssimo) regente da orquestra. O sucesso da estreia segue ainda muito vivo hoje em dia, oitenta anos mais tarde.

MAKSoud  **PLAZA**

Um Marco de Hospitalidade e Elegância



Maksoud Plaza **Hospitalidade, Elegância e Serviço Impecável!**

APARTAMENTOS E SUÍTES | CENTRO GASTRONÔMICO 24 HORAS | 5.000 m² DE ESPAÇOS PARA EVENTOS



Alameda Campinas, 150 - São Paulo - Brasil | Tel.: 11 3145-8000 | Toll Free: 0800.13.44.11
www.maksoud.com.br



Ravel queria que seu concerto tivesse a atmosfera de um *divertissement*, com uma escrita clara que denotasse firmemente a forma tradicional. O farto brilho instrumental da obra, ele o atribuía à admiração por Saint-Saëns, e o rigor da escritura clara e clássica, disse dever a Mozart. Certos elementos da música popular (jazz), a velocidade do fino clima deliciosamente lento do segundo movimento (valsa, noturno?) e os toques ora compassivos, ora politonais do discurso dão uma riqueza permanente a esse “divertimento” que, no fundo, é um bocado sério.

Golpes de “chicote” (duas ripas que se percutem) abrem a movimentada agitação do primeiro tempo, *Allegramente*, no qual o *piccolo* divide seu espaço com os arabescos bitonais do agitado piano. Os trompetes mostram-se em uma exibição pirotécnica, logo seguida por um traço do corne-inglês. Na esperada volta do tema inicial, o solista exhibe um lindo tema langoroso, como que vindo do jazz. Chamados pelo piano, vêm para primeiro plano o clarinete, o trompete e, depois, a trompa, aderindo às frenéticas carreiras do solista. Duas espantosas passagens, como que *cadenze* — uma para a harpa, outra para os sopros — e, uma vez mais, e mais vivo do que nunca, o piano, riscam no ar sua melodia, e toda a orquestra se rejubila, pondo ponto final à folia.

Diverso do movimento inicial é o pacífico *Adagio assai* em compasso 3/4, no qual o piano toca sozinho durante 33 compassos sobre um obstinado acompanhamento em 3/8. Tudo é doçura de canção sem palavras, até que a melodia, extensa, vibrátil, acaba por se voltar sobre si mesma. O oboé aparece, então, em contratema e em outra tonalidade, como se a bitonalidade fosse a coisa mais comum deste mundo. Na segunda parte do movimento, o solista se encarrega de ornamentar o que lhe oferecem os demais instrumentos; e o movimento se encerra com um persistente trilo sobre duas notas, que o piano repete de maneira incansável.

O último movimento é um apressado *Presto*, em cujo início quatro acordes martelados por todos fazem o piano sair em célere disparada. Três temas aparecem então, cada um deles separado do outro pelos quatro acordes fatídicos. Salientam-se mais nessa corrida louca passagens entregues ao clarinete, ao flautim e ao trombone. Os materiais colocados em jogo se transformam, sempre obedecendo à correria ritmada da percussão. E o movimento chega ao fim de maneira espalhafatosa, com os acordes arrematados pelo ponto final de um dos timbales.

HECTOR BERLIOZ (1803-1869)

Sinfonia Fantástica

Os primeiros músicos românticos eram, em geral, grandes virtuosos — o violino ou o piano costumavam fazer sua fortuna. Exemplos disso foram Mendelssohn, Paganini, Chopin e Liszt. Já Berlioz, além de um pobre violão, não tocava mais nada. Ele costumava reger grupos corais e, quando conseguia, colocava-se diante das raras orquestras que o aceitavam como regente. Assim, foi por pura necessidade que ele se esmerou de tal forma na regência que seu nome acabou por ganhar fama internacional nesse domínio.

A pintura romântica havia recebido de Delacroix suas vívidas e violentas cores. Por ser um visionário, um sonhador e um adepto de todas as formas de exagero, Berlioz se encarregou de transformar a então “velha” orquestra (a de Mozart, Haydn e mesmo a mais fornida, de Beethoven) em algo inédito, que ficou conhecido como a “orquestra sinfônica romântica”. Para tanto, aumentou o número de instrumentos usuais, inspirando-se nas enormes formações reunidas em cerimônias ligadas à Revolução Francesa. Estudou com afinco as óperas de Cherubini, Rameau, Gluck e Mozart, a fim de retirar de suas orquestrações o máximo de efeitos dramáticos. E, com o mesmo objetivo — o de subjugar o público —, atentou para as óperas de Carl Maria von Weber. Por fim, deu asas a sua imaginação, que sonhava com uma orquestra “ideal”, com quinhentos violinos.

As inovações de Berlioz no âmbito da orquestração são muitas e reais. Citando ao acaso, apenas na *Sinfonia Fantástica*, encontramos: em “Devaneios e paixões”, os primeiros e segundos violinos no extremo agudo, como em um duo desesperado; em “Um baile”, o emprego melódico das harpas em acordes paralelos; na longa melodia de “Cena no campo”, o uso de um “timbre composto”: violino mais flauta; em “Marcha ao cadafalso”, a música “do além-túmulo”: quatro fagotes, quatro trompas, duas tubas e dois timbales; e em “Sonho de uma noite de sabá”, tornam-se sons aterradores as indicações do próprio autor: “ruídos estranhos”, “gemidos”, “gargalhadas”, “gritos longínquos que outros parecem responder” e “a melodia bem-amada reaparece ainda, mas ela perdeu seu caráter de nobreza e de timidez — não é mais que um tema de dança ignóbil, trivial e grotesco”.

Ao renovar a orquestra, Berlioz desejou reformular também o arquétipo da sinfonia, transformando o discurso público em confissão personalíssima e despu-

SUA MELHOR ESCOLHA

- ▶ Uma das Big 5
- ▶ Líder no middle market
- ▶ Presente nas principais cidades do país
- ▶ Audit | Tax | Advisory

Visite nosso site



www.facebook.com/bdobrazil



www.twitter.com/bdobrazil



www.bdobrazil.com.br



dorada. Em vez de quatro, cinco movimentos; temas recorrentes em movimentos diversos; um tema sacro (“Dies irae”) que se transforma em melodia diabólica. E o amor do músico, a atriz vinda do outro lado do Canal da Mancha, que, de Harriet Smithson, atriz principal de Hamlet, passa por várias encarnações na obra de Berlioz, chegando a se transformar de meiga criatura em bruxa maléfica.

Ainda hoje a *Fantastique* soa espantosa e espetacular. Diante dela, é inútil assumir a postura de um “distanciamento estudado”, pois ela sempre soará mais forte.

MODEST MUSSORGSKY (1839-1881)

Kovantchina (Abertura)

Tendo levado uma vida triste, com sérias crises existenciais agravadas pelo uso excessivo do álcool, Modest Mussorgsky acabou morrendo cedo, em um derradeiro ataque motivado pelo alcoolismo. Deixou-nos como herança uma obra em parte inacabada, que exigiu a intervenção de mãos amigas a fim de ser completada e mostrada ao público. Hoje, no entanto, há estudiosos que afirmam ter sido ele o maior gênio da música russa na segunda metade do século XIX.

Um dos primeiros artistas ocidentais a reconhecer seu talento foi o francês Claude Debussy, que disse ter sentido um choque semelhante à aparição de um selvagem, saindo da mata e vindo frequentar, sem estudos preliminares, as melhores casas de espetáculo da Europa. Seu estilo inovador realizou-se melhor nas óperas, onde os recitativos calcados nos vários usos da língua russa eram ligados a árias emocionantes e a passagens corais grandiloquentes, de grande efeito.

Especialmente inovador foi o fato de Mussorgsky fazer seus personagens recitarem ou cantarem segundo a sua condição social — lavrador, soldado ou nobre, por exemplo. E seus temas seguem essa mesma regra, o que conferiu riqueza extraordinária a seus espetáculos.

“Música dramática nacional”, *Kovantchina* estreou em 1911 no Teatro Mariinsky, em São Petersburgo, na versão de Rimsky-Korsakov. Em 1913, foi apresentada em Paris com modificações introduzidas por Ravel e Stravinsky. A versão considerada mais próxima das ideias do autor é aquela realizada por Dmitri Shostakovich e mostrada no Teatro Kirov, em Leningrado, em 1960.

A concentrada “Abertura” de *Kovantchina* é extraordinária: colocando em jogo poucos materiais, o mú-

sico atinge aí o máximo da expressividade. Ela abre a cortina do teatro em hora indefinida da alvorada, na Praça Vermelha, em Moscou. Ao fundo, erguem-se os altos muros do Kremlin; do lado esquerdo, uma velha catedral.

O repetido cantar do galo anunciando o amanhecer, harmonias pesadas como as pedras do calçamento e a presença patética e cintilante de uma melodia longa e muito expressiva giram e produzem a sensação de um tempo quase imóvel. A atmosfera é gélida.

FRANZ LISZT (1811-1886)

Concerto nº 1 para Piano e Orquestra

Depois de se mostrar uma criança prodígio e encantar o público de Viena e Paris, Liszt excursionou por toda a Europa. Carregava consigo uma invenção de sua lavra — o recital para solista — e conquistou o grande público e algumas das mais belas mulheres do continente europeu, graças a seu gênio e a sua notável beleza física.

Artista inovador, Liszt foi um dos primeiros a empregar em suas partituras a “forma cíclica”, um modo de compor baseado na construção dos vários movimentos de uma obra a partir dos mesmos temas básicos. Para tanto, sempre foi atento à elaboração do material temático. Sabia que seus motivos precisavam ser flexíveis o suficiente para poder passar por verdadeiros processos de metamorfose, tanto no que se referia ao ritmo, quanto no tocante ao andamento e até a seu recorte geral. Seu Concerto nº 1 para Piano e Orquestra, assim como outras obras do autor, é um genial exemplo dessa capacidade, tão característica de Liszt, de reunir liberdade e rigor.

Depois de algum tempo de trabalho, Liszt chegou à versão inicial do concerto em 1849. Revisou-o muitas vezes durante os anos que passou em Weimar, até alcançar a forma que considerou definitiva em 1855, quando a obra foi apresentada em Weimar com o autor ao piano e Berlioz diante da orquestra. Em vez dos três movimentos de costume, esse Primeiro Concerto conta com quatro deles, interligados pelo uso imaginativo de alguns temas básicos que os percorrem, dando caráter unitário à obra.

O primeiro movimento, *Allegro maestoso*, é marcado pela figura mostrada nos compassos iniciais em um uníssono das cordas entrecortado por interjeições dos sopros. Outro material, em oitavas ascendentes,

ACABAMOS DE RECEBER
MAIS UMA ENTREGA IMPORTANTE:
ESTA FICARÁ NAS NOSSAS MÃOS.



Um reconhecimento que acabamos de ganhar da Infraero por nossas atividades no Aeroporto Internacional de Viracopos/Campinas.

Quando você ganha um prêmio pela qualidade e rapidez dos serviços prestados, ganha muito mais do que um incentivo. Ganha também satisfação e confiança dos clientes. É o que comprova o **Prêmio Infraero de Eficiência Logística 2011**, no segmento Diversos, que a Cisa Trading acaba de ganhar. Conquista que dedicamos a todos os colaboradores, clientes, parceiros e fornecedores que contribuem para a Cisa Trading fazer a diferença e ser cada vez melhor. Se você busca um serviço eficiente, deixe suas importações e exportações com quem já ganhou a confiança do setor. E ganhe mais tempo e tranquilidade para pensar em mais oportunidades para o seu negócio.

www.cisatrading.com.br

 **Cisa
Trading**

Antecipando Soluções

é exibido pelo solista. Então, depois de três cadências do piano, tem-se um desenvolvimento marcado pela presença dos sopros. E são eles que auxiliam o solista a pôr fim ao movimento.

O segundo movimento tem forma A-B-A e indicação de andamento *Quasi adagio*. No episódio inicial, impera um clima de noturno; no segundo, uma atmosfera cheia de grandiloquência. Em ambos, o solista se espraia em complexos arpejos e trilos. No final, é o fagote que oferece o motivo de ligação com o terceiro movimento.

O novo episódio, um *Allegretto vivace* em compasso 3/4, é cintilante, e seu brilho resulta acentuado pelo extenso uso do pequeno triângulo. Temas provenientes de andamentos anteriores dão a ele o aspecto de uma elaborada colagem, “costurada” por passagens acrobáticas do solista.

O movimento final é um *Allegro marziale animato*, que principia com o tema mostrado pelas madeiras: uma modificação daquele exibido logo no início do segundo movimento, só que em tom marcial. Depois de, com notas rápidas repetidas, recapitularem motivos já apresentados, solista e orquestra retomam o tema do triângulo. Sempre acelerando, o movimento chega então a uma melodia inédita, mostrada pelo piano e pelos violinos. Segue-se de imediato a Coda (sempre em velocidade crescente), onde são ouvidas reminiscências dessa última melodia, ao lado de fragmentos do terceiro e do primeiro movimentos. A obra se encerra com passagens cromáticas, nas quais piano e orquestra brilham amplamente.

MODEST MUSSORGSKY (1839-1881)

Quadros de uma Exposição

No primeiro ano do século passado, na França, Claude Debussy iniciava publicamente — por intermédio de um entusiástico artigo estampado em *La Revue Blanche* — a reavaliação da obra de Modest Mussorgsky. Desaparecido então havia duas décadas, o compositor russo era desconhecido no exterior e negligenciado em seu próprio país. Lembrando que a música desse autor haveria de deixar “na memória das pessoas que o amam, ou que o amarão, traços indelévels”, Debussy chamava a atenção para a extrema originalidade de Mussorgsky: “Ele é único, e assim permanecerá, graças a sua arte sem procedimentos, sem fórmulas dessecantes”. E prosseguia em sua acertada apreciação: “Jamais uma sensibilidade assim, tão

refinada, foi traduzida por meios tão simples: isso faz lembrar a arte de um selvagem curioso que descobrisse a música a cada passo traçado por sua emoção”.

Quando chegou ao público, em geral por meio de fragmentos, a música de Mussorgsky dava a impressão de ter sido composta por alguém que não dominasse bem as regras da academia. A verdade é que ele as conhecia, mas não desejava empregá-las em suas obras. Andava às voltas com um hipotético “realismo” nacional que, a seu ver, daria o verdadeiro caráter russo à música de seu país. Não há dúvida: a música de Mussorgsky continua soando muito original.

Uma ironia da história: Mussorgsky passou a ser conhecido, sobretudo no ocidente, por intermédio da orquestração, realizada por um francês, de uma coleção de peças para piano que ele compusera na Rússia, em 1874. Essas peças possuíam o caráter variado dos desenhos, esboços, aquarelas e telas de um amigo do músico, o arquiteto Viktor Hartmann, que também era artista plástico. Assim nasceram as peças que o compositor enfileirou em uma “suíte”, dando ao conjunto especial variedade e, ao final, uma resplandecente visão de um monumental portal erguido diante da cidade de Kiev.

Claro está que as duas versões de *Quadros de uma Exposição* — a original para piano, de Mussorgsky, e a orquestração que Ravel realizou em 1922 — devem ser conhecidas por seus próprios encantos. O trabalho efetuado pelo artista francês, em linhas gerais, observou a sucessão das peças da suíte original, só retirando dela aquilo que, a seu juízo, sobrecarregava a orquestração.

MANTENEDORES

Adelia e Cleômenes Dias Baptista (im.)
 Adolpho Leimer
 Affonso Celso Pastore
 Aírton Bobrow
 Alexandre e Sílvia Fix
 Alfredo Rizkallah
 Álvaro Luís Fleury Malheiros
 Ana Maria Igel e Mario Higino Leonel
 Antonio Aílton Caseiro
 Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
 Antonio Carlos de Araújo Cintra
 Antonio Correa Meyer
 Antonio Hermann D. M. Azevedo
 Antonio Teófilo de Andrade Orth
 Arnaldo Malheiros
 Arsenio Negro Jr.
 Beatriz Baumgart Tadini
 Bruno Alois Nowak
 Carlo Zuffellato
 Carlos Eduardo Mori Peyser
 Carlos Hitoshi Fuda Castro
 Carlos Nehring Neto
 Cassio Casseb Lima
 Cláudio Thomaz Lobo Sonder
 Cleide e Luiz Rodrigues Corvo
 Cristian Baumgart Stroczyński
 Cristina Baumgart
 Dario Chebel Labaki Neto
 Deimar S. A.
 Donato Roberto Mucerino
 Dora Rosset
 Eduardo Fonseca Altenfelder
 Elisa Wolynec
 Erwin e Marie Kaufmann
 Fabio de Campos Lilla
 Fanny Fix
 Fernando Eckhardt Luzio
 Fernão Carlos B. Bracher
 Francisco H. de Abreu Maffei
 George Longo
 Gerald Dinu Reiss
 Gioconda Bordon
 Giovanni Guido Cerri
 Helio Seibel
 Henri Slezzynger
 Henri Philippe Reichstul
 Henrique Meirelles
 Henrique Eduardo Tichauer
 Iosif Sancovsky
 Israel Vainboim
 Jacques Caradec
 Jairo Cupertino
 Jayme Bobrow
 Jean-Claude Ramirez Jonas
 Jorge e Léa Diamant
 Jorge Takla
 José E. Queiroz Guimarães
 José M. Martinez Zaragoza
 José Roberto Mendonça de Barros
 José Roberto Opice
 José Thales S. Rebouças
 Jovelino Carvalho Mineiro Filho
 Kalil Cury Filho

Karin Baumgart Srougi
 Lea Regina Caffaro Terra
 Livio de Vivo
 Lucila e José Carlos Evangelista
 Luiz Stuhlberger
 Marcelo Pereira Lopes de Medeiros
 Marco Aurelio Abrahão
 Marcos Baumgart Stroczyński
 Maria Adelaide Amaral
 Maria Bonomi
 Mario Arthur Adler
 Michael e Alina Perlman
 Minidi Pedroso
 Moshe Sendacz
 Neli Aparecida de Faria
 Nelson Nery Jr.
 Oswaldo Henrique Silveira
 Otto Baumgart
 Paulo Guilherme Leser
 Paulo Julio Valentino Bruna
 Pedro Barros Barreto Fernandes
 Pedro Herz
 Pedro Stern
 Rafael Sonder
 Ricard Takeshi Akagawa
 Ricardo Feltre
 Roberto Baumgart
 Roberto Civita
 Roberto Mehler
 Roberto Viegas Calvo
 Rodolfo Henrique Fischer
 Rosa Maria de Andrade Nery
 Ruth Lahoz Mendonça de Barros
 Ruy e Celia Korbivcher
 Sammy Katz
 Sandor e Mariane Szego
 Sergio Ephim Mindlin
 Sílvia e Fernando Carramaschi
 Stela e Jayme Blay
 Sylvia Pinho
 Tamas Makray
 Thomas Kunze
 Ursula Baumgart
 Vavy Pacheco Borges
 3 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram Topczewski
 Alberto Emanuel Whitaker
 Alexandre Grain de Carvalho
 Aluizio Guimarães Cupertino
 Alvaro Oscar Campana
 Ana Maria Malik
 Andrea Sandro Calabi
 Anna Maria Tuma Zacharias
 Antonio Augusto da Silva Cardoso
 Antonio Jesus Brito Cosenza
 Antonio Kanji Hoshikawa
 Arnold Wald
 BDO Brazil
 Carlos Chagas Rodrigues
 Carlos P. Rauscher
 Carmen Carvalhal Gonçalves
 Cassio A. Macedo da Silva

Claudia A. G. Musto
 Claudia Junqueira Almeida Prado
 Cláudio Roberto Cernea
 Consuelo de Castro Pena
 Decio Cordeiro Lemos
 Denise Ascensão Klatchoian
 Denise Zaclis
 Domingos Durant
 Edith Ranzini
 Edson Eidi Kumagai
 Eduardo Fernandes Dias
 Elias e Elizabete Rocha Barros
 Elisa Villares L. Cesar
 Eric Alexander Klug
 Eugenia Lukin
 Fábio Rosa Carramaschi
 Fernando de Azevedo Corrêa
 Fernando K. Lottenberg
 Francisco José de Oliveira Jr.
 Francisco Montano Filho
 Gálícia Empreendimentos e Participações
 Giancarlo Gasperini
 Gustavo H. Machado de Carvalho
 Heinz J. Gruber
 Helio Elkis
 Heloisa Pereira de Almeida Martins
 Henrique B. Larroude
 Horacio Mario Kleinman
 Inhort Rueda Saldivar
 Isaac Popoutchi
 Issei Abe
 Izabel Sobral
 Jaime Pinsky
 Jayme e Tatiana Serebrenic
 Jayme Vargas
 João Baptista Raimo Jr.
 José Carlos Dias
 José e Priscila Goldenberg
 José Paulo de Castro Emsenhuber
 José Theophilo Ramos Jr.
 Junia Borges Botelho
 Kristina Amhold
 Wlaser Centro de Estética Médica
 Leo Kupfer
 Lilia Katri Moritz Schwarcz
 Lilia Salomão
 Lucila Barreto
 Lucy Banks Leite
 Luiz Augusto de Queiroz Ablas
 Luiz Diederichsen Villares
 Luiz Gonzaga Marinho Brandão
 Luiz Henrique Martins Castro
 Luiz Roberto Andrade de Novaes
 Luiz Schwarcz
 Marcello D. Bronstein
 Marcio Augusto Ceva
 Marco Tullio Bottino
 Maria Joaquina Marques Dias
 Maria Lucia Pereira de Almeida
 Maria Stella Moraes R. do Valle
 Maria Teresa Igel
 Mario R. Rizkallah
 Marta D. Grostein
 Mathias Alexey Woelz
 Maurice Leonzini

Mauris Warchavchik
 Monica e Paulo Gartner
 Nachun Berger
 Nelio Garcia de Barros
 Nelson Jafet
 Nelson Vieira Barreira
 Oscar Lafer
 Paulo Emilio Pinto
 Paulo Proushan
 Paulo Roberto Pereira da Costa
 Percival Lafer
 Polia Lerner Hamburger
 Regina Weinberg
 Renato Lanzi
 Ricardo Bohn Gonçalves
 Ricardo L. Becker
 Rita de Cassia Caruso Cury
 Roberta Alexandr Sundfeld
 Rosa Maria Graziano
 Rubens Halaban
 Ruy Souza e Silva
 Sandra Maria Massi
 Sergio Leal C. Guerreiro
 Sheila Hara
 Sílvia Dias de Alcantara Machado
 Silvio Genesini
 Suzana Pasternak
 Thomas Frank Tichauer
 Thomas Michael Lanz
 Thomas Souto Correa
 Thyro Martins
 Ulysses de Paula Eduardo Jr.
 Sandra Arruda Grostein
 Vivian Abdalla Hannud
 Walter Ceneviva
 12 Amigos Anônimos

JOVENS AMIGOS

Aristides Ugeda
 Celia Prado
 Celia Pires de Araújo
 Claudia Helena Plass
 Daniela Carramaschi
 Edoardo Rivetti
 Eliana Regina Marques Zlochevsky
 Eugenio Suffredini Neto
 Fabiana Crepaldi Pereira
 Francisco José de Oliveira Jr.
 Guilherme Ule Ramos
 José de Paula Monteiro Neto
 Marcelo Marangon
 Maria Elisabeth Rolim
 Pedro Spyridion Yannoulis
 Raquel Bessa Carvalho Diniz
 Ricardo Di Rienzo
 Ricardo Hering
 Richard Barczynski
 Rodrigo Octavio Broglia Mendes
 Rogério Woiskky
 Rubens Josef Muszkat
 Sergio Gonçalves de Almeida
 Tobias Dryzum
 3 Jovens Amigos Anônimos

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores

Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Patrícia Moraes
Fernando Carramaschi
Luiz Fernando Faria
Marcelo Levy
Ricardo Becker

Superintendente
Gérald Perret

Superintendente Administrativo
Frederico Lohmann

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder

Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Milú Villela

Aluizio Rebello de Araújo
Antonio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Pedro Herz
Plínio José Marafon
Salim Taufic Schahin

Conselho Consultivo
Affonso Celso Pastore
Alfredo Rizkallah
Hermann Wever
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Thomas Michael Lanz

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Cultura
Marcelo Mattos Araujo

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP

Regente Titular (2012-16)
Marin Alsop

Regente Convidado de Honra (2012-13)
Yan Pascal Tortelier

Regente Associado (2012-16)
Celso Antunes

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
— Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Marketing — Eventos
Carlos Harasawa Gerente
Mauren Stieven

Departamento de Operações
Mônica Cássia Ferreira Gerente
Analia Verônica Belli Gerente
Ângela Sardinha

Fabiane de Oliveira Araújo
Guilherme Vieira
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro

Apoio a Eventos
Felipe Lapa
Demeter Tosin
Alexandre Catalano
Raimundo dos Santos

Departamento Técnico
Marcello Anjinho Gerente
Ednilson de Campos Pinto
Sérgio Cattini
Melissa Limnios

Acústica
Cassio Mendes Antas
Iluminação
Paulo Ricardo Pironidi

Sonorização
Mauro Santiago Góis

Montagem
João André Blásio
José Neves da Silva

Controlador de Acesso — Encarregado
Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador — Encarregado
Samuel Calebe Alves

TEMPORADA 2012



24 E 25 DE ABRIL

ORQUESTRA NACIONAL RUSSA

JOSÉ SEREBRIER Regência
NELSON FREIRE Piano

15 E 16 DE MAIO

ORCHESTRE NATIONAL
DU CAPITOLE DE TOULOUSE

TUGAN SOKHIEV Regência
BERTRAND CHAMAYOU Piano

20 E 22 DE MAIO

LANG LANG Piano

4 E 27 DE JUNHO

EVGENY KISSIN Piano

2 E 3 DE JULHO

ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN

Participação MARTHE KELLER

6 E 7 DE AGOSTO

ORCHESTRA DELLA
SVIZZERA ITALIANA

ALEXANDER VEDERNIKOV Regência
DANG THAI SON Piano

19 E 20 DE AGOSTO

ORCHESTRA DEL
MAGGIO MUSICALE FIORENTINO

ZUBIN MEHTA Regência

3 E 4 DE SETEMBRO

JOYCE DIDONATO Mezzosoprano

DAVID ZOBEL Piano

1 E 9 DE OUTUBRO

SOL GABETTA Violoncelo

MIHAELA URSULEASA Piano

7 E 8 DE NOVEMBRO

RENÉE FLEMING Soprano

REALIZAÇÃO





BLOCO DE NOTAS GIOCONDA BORDON

A primeira década de saraus: 1912–1922

Ao longo de todo este ano de 2012, vamos destacar aqui as tendências e os muitos acontecimentos marcantes que caracterizam os cem anos de história da Sociedade de Cultura Artística.

No ano de sua fundação, 1912, a Cultura Artística promoveu apenas dois saraus: o primeiro, no dia 26 de setembro; o segundo, em 13 de novembro. Já no ano seguinte, porém, foram sete os encontros com este mesmo formato: palestra seguida de recital. A partir de 1915, a média de saraus realizados por ano subiu a vinte. Nas palestras que precediam os concertos, falava-se sobre aspectos da cultura brasileira e sobre literatura. Poetas e escritores como Gregório de Mattos, Tobias Barreto, Fagundes Varela e Casimiro de Abreu, por exemplo, figuram entre os autores destacados naqueles primeiros saraus.

É curioso observar a repetição de alguns temas. Em 1915, Afonso Arinos ministrou três palestras sobre as “Lendas e tradições brasileiras”, as duas primeiras em 5 e 24 de fevereiro, a terceira em 22 de março. No fim do ano, nos dias 28 e 30 de dezembro, a Cultura Artística promoveu uma apresentação das tais festas tradicionais de que Afonso Arinos tratara meses antes. Chama a atenção também o tema de Arinos para a noite de 23 de julho de 1915: “O culto das virgens nas tradições brasileiras”. Mas o escritor mais debatido na primeira década de atividades da Sociedade de Cultura Artística foi mesmo Machado de Assis, tema de sete palestras ministradas por Alfredo Pujol entre 1915 e 1917.

A parte musical dos encontros mostrava-se aberta a diversas formações. Os maestros Luigi Chiaffarelli e Francisco Murino, a pianista Antonietta Rudge e o compositor Francisco Mignone, que com frequência se apresentava também ao piano, são as presenças mais constantes na primeira década de existência da Cultura Artística.

Antes de completar dez anos, aniversário que seria comemorado em 1922 — ano da agitação modernista em São Paulo —, o grupo de intelectuais e empresários que lutara pela criação da Sociedade via com satisfação que seu projeto vingara. Havia, sempre haveria, muitas dificuldades, mas a Cultura Artística existia de fato: tinha um projeto, identidade e recursos próprios. A história estava apenas começando.

Trabalhamos como
uma orquestra e
incentivamos a cultura



www.iochpe.com





INSPIRADOS PELA MÚSICA CLÁSSICA.

O Credit Suisse mantém parcerias de longo prazo com as mais reconhecidas instituições culturais do Brasil.

Temos orgulho em apoiar a Sociedade de Cultura Artística.

credit-suisse.com